

EPÍSTOLA, SEGUNDO RUBIÃO BOVARY, AOS SOBREVIVENTES: UM ESTUDO PSICOSSOCIAL SOBRE O NEGROGAY

■ ANTONIO JOSÉ DE SOUZA

 <https://orcid.org/0000-0003-3416-5527>

Universidade Católica do Salvador

Secretaria Municipal de Educação de Itiúba

■ ELAINE PEDREIRA RABINOVICH

 <https://orcid.org/0000-0002-3048-6609>

Universidade Católica do Salvador

RESUMO

Este artigo retrata uma possível conversação entre dois homens negrogays, ambos sobreviventes de uma sociedade marcada por todo tipo de aleijamentos às alteridades. Este texto é consequência do longo tempo em que o primeiro autor esteve debruçado sobre a tese, orientada pela segunda autora, a partir da história de vida de um homem negrogay: Rubião Bovary. Devido à intensa e imersiva colaboração durante esses anos entre orientado/orientadora, estamos propondo um estudo em que, embora escrito na primeira pessoa do autor principal, é assinado por duas pessoas. Nesses termos, a epístola tem o objetivo de retomar os pontos mais importantes do estudo, os achados e argumentos que mereciam ser (re)visitados acerca do pretexto de uma conversa entre “íntimos” sem laços de convivência, mas, de algum modo, intrínsecos. Para tal, fez-se necessário o uso da metodologia (Auto)Biográfica, possibilitando o segredar de uma confiança privada, publicada em “alto e bom som” por quem não mais se conforma em viver no abafado espaço daquele famigerado “armário”. Este artigo, desse modo, propõe uma educação que possibilite falar de nós mesmos, a partir de nós e conosco, a fim de refazer nossos cotidianos.

Palavras-chave: Identidades. Negrogay. Pesquisa (auto)biográfica.

ABSTRACT **EPISTLE, SECOND RUBIÃO BOVARY, TO THE SURVIVORS: A PSYCHOSOCIAL STUDY ON THE BLACKGAY**

This article portrays a possible conversation between two black gay men, both survivors of a society marked by all kinds of handicaps to otherness. This text is a consequence of the long time in which the first author was poring over the thesis, guided by the second author, based on the life story of a black gay man: Rubião Bovary. Due to the intense and immersive collaboration during these years between advisee/supervisor, we are proposing a study in which, although written in the first person by the main author, it is signed by two people. In these terms, the epistle aims to resume the most important points of the study, the findings and arguments that deserved to be (re)visited on the pretext of a conversation between “intimates” without ties of coexistence, but, somehow, intrinsic. For this, it was necessary to use the (Auto)Biographical methodology, allowing the secreting of a private confidence, published in ‘loud and clear’ by those who no longer conform to living in the stuffy space of that infamous “closet”. This article, therefore, proposes an education that makes it possible to talk about ourselves, from us and with us, in order to re-do our daily lives.

Keywords: Identities. Blackgay. (Auto)Biographic Research.

RESUMEN **EPÍSTOLA, SEGUNDA RUBIÃO BOVARY, A LOS SUPERVIVIENTES: UN ESTUDIO PSICOSOCIAL SOBRE NEGROGAY**

Este artículo retrata una posible conversación entre dos hombres homosexuales negros, ambos supervivientes de una sociedad marcada por todo tipo de handicaps a la otredad. Este texto es consecuencia del largo tiempo en que el primer autor estuvo estudiando la tesis, guiado por el segundo autor, basado en la historia de vida de un hombre gay negro: Rubião Bovary. Debido a la intensa e inmersiva colaboración durante estos años entre asesorado/supervisor, proponemos un estudio en el que, aunque escrito en primera persona por el autor principal, está firmado por dos personas. En estos términos, la epístola pretende retomar los puntos más importantes del estudio, los hallazgos y argumentos que merecieron ser (re)visitados bajo el pretexto de una conversación entre “íntimos” sin lazos de convivencia, pero, de alguna manera, intrínsecos. Para ello, fue necesario utilizar la metodología (Auto)Biográfica, que permitiera secretar una

confidencia privada, publicada en ‘alto y claro’ por quienes ya no se conforman con vivir en el espacio viciado de ese infame “closet”. Este artículo, por tanto, propone una educación que posibilite hablar de nosotros mismos, desde nosotros y con nosotros, para rehacer nuestra cotidianidad.

Palabras clave: Identities. Negrogay Investigación (Auto)Biográfica.

Introdução: questões de método e objetivos

Antes de tudo, torna-se importante explicar a categoria-híbrida “negrogay”. Nela, há a reunião de elementos que dizem respeito ao paradigma da exploração e da sujeição, responsáveis por aprisionar a pessoa negra-e-gay na existencialidade estigmatizada em “atributos” profundamente depredados em tipos de “abominações” incidindo sobre o corpo; “invólucros” que imputam ao negrogay marcas da pessoa perigosa, estragada e desonrosa, isto é: lança-o no mundo de expectativas e exigências rigorosas sobre o que “deveria ser” e não sendo ou não correspondendo aos simulacros, por exemplo da brancura e da heteronormatividade, será tomado pelo subjetivismo envergonhado; gerador de complexas objeções, auto-ódio e autodepreciação (GOFFMAN, 1975; FANON, 2008; SARTRE, 2002a; MBEMBE, 2018).

Dito isso, este trabalho é parte da tese de doutorado do primeiro autor, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea (PPGFSC) da Universidade Católica do Salvador (UCSal), sob a orientação da segunda autora, inclusive, desde os primórdios do projeto de pesquisa, aprovado pelo Conselho de Ética em Pesquisa (CEP) da UCSal sob o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) nº: 37297620.1.0000.5628. Devido à intensa e imersiva colaboração durante esses anos entre orientado/orientadora, estamos propondo um estudo em que, embora na primeira pessoa, é assinado por duas mãos. Como objetivo geral, visou-se compreender

como as construções das identidades negrogays de professores emergem das histórias de vida engendradas na relação e intimidade das famílias inter-raciais e heterossexuais e suas reverberações no cotidiano da profissão docente: i) identificando, nas histórias de vida dos professores, os eventos/fatos marcantes no processo da construção “de si” negrogay a fim de trazer à tona o que esses eventos/fatos fizeram e o que foi feito com suas repercussões; ii) analisando a influência da relação familiar (“eu” e os “outros”) no processo da construção “de si” negrogay com o propósito de fazer irromper os fenômenos que regem os relacionamentos íntimos; iii) verificando como esses eventos/fatos, vivenciados pelos professores negrogays, reverberam no cotidiano “de si” na profissão docente.

O mencionado projeto desenvolveu-se no terreno da pesquisa qualitativa, atravessado pela metodologia (auto)biográfica o que possibilitou, através do instrumento entrevista narrativa, imergir na história de vida de três professores da Educação Básica do estado da Bahia (participantes da pesquisa). Os professores interlocutores do estudo constituíram um anfiteatro polifônico no qual foi possível – homens-professores-negrogays – narrarem, em primeira pessoa, as vicissitudes “de si” negrogays lançados no mundo em um corpo masculino e racializado.

Os partícipes, por estarem distribuídos em um território difuso geograficamente, foram

escolhidos pela técnica de amostragem bola de neve, que consiste no contato inicial a um membro (primeiro participante) correspondente ao perfil definido pelos critérios de inclusão, ou seja: ser professor lotado em escola pública de Educação Básica, ser-negro, ser -homem-gay autodeclarado em seu local de docência, ser oriundo de uma família inter-racial e heterossexual, pertencer e viver no território do estado da Bahia, tendo disponibilidade para narrar e compartilhar – em entrevista gravada – o que corresponde à sua intimidade, conflitos, emoções e vida familiar (MAY, 2004).

Durante as entrevistas, os professores foram encorajados a falar, selecionando os eventos significativos, a partir do recorte histórico concernente à infância até o momento daquela entrevista, observando o processo da construção “de si” negrogay na ambiguidade existencial de quem integra uma família inter-racial e heterossexual; analisando-o por três questões disparadoras, elaboradas por Passeggi (2010, p. 333), a saber: “Que fatos marcaram minha vida? O que eles fizeram comigo? O que faço agora com o que isso me fez? [...]”. Vale destacar que a professora Maria Passeggi (2010), provavelmente, baseou-se na máxima do filósofo Sartre, na qual ele diz: “[...] o importante não é o que fazem de nós, mas o que nós mesmos fazemos com o que fizeram de nós”. (SARTRE, 2002b, p. 61).

Neste artigo, o “espaço biográfico” – o próprio “espaço (auto)biográfico” (ARFUCH, 2010) – é apenas o de um dos três professores negrogays: Rubião Bovary;¹ o personagem que, na tese, foi o principal objeto do estudo à luz do método desenvolvido por Jean-Paul Sartre

chamado de Psicanálise Existencial (SARTRE, 1997). Quer dizer: a história de vida de R. Bovary fora analisada por um método favorável à significação dos acontecimentos e circunstâncias definidoras da sua existência; afinal, R. Bovary, vive, pela lembrança, capturado na metamorfose-primeira e no sobressalto de uma repetição iminente. A psicanálise existencial procura conhecer o projeto original, a escolha primordial, ou seja: uma determinação livre e “consciente”.

A noção de projeto é o conceito-chave de Sartre para a investigação sobre a compreensão do ser humano situado e o seu fazer-se no mundo pela experiência, constituindo-se com base na radical liberdade, melhor dizendo: não há determinismos; há, tão somente, um projeto “de si” mesmo. Para Sartre (1997, p. 685), não possuímos nenhum “caráter” prévio, referindo-se “[...] aos grandes ídolos explicativos de nossa época – hereditariedade, educação, meio, constituição fisiológica [...]” que têm o propósito de sobrepujar nossa liberdade, desobrigando-nos da responsabilidade em favor da má-fé. Sendo assim, a ideia de projeto é fundamental para o estudo da história de vida de R. Bovary, entendendo-o como irrevogavelmente livre para exercer suas escolhas tendo como sustentação material as circunstâncias históricas que sublinham seus limites e contingências.

Ao definir a consciência como intencional e necessária para a melhor compreensão do ser, Sartre a localiza em movimento ao exterior, porque pode conhecer e conhecer-se em relação ao mundo, já que não existe consciência sem posicionamento, isto é, algo colocado como existente no mundo; sendo a consciência, o modo “do ser” do humano saber-que-se sabe (SARTRE, 1997). Tal existência-consciente suscita uma consciência de existir lançando-se rumo ao futuro – o projeto, o desejo de ser. Para agir, o homem precisa construir o proje-

1 Nome fictício a fim de proteger o real. Tal alcunha é inspirada em duas importantes personagens: Pedro Rubião, o protagonista ironizado por Machado de Assis (1994) no livro *Quincas Borba*; e na senhora francesa de Gustave Flaubert (2007), a *Madame Bovary*. Comum aos personagens: a ambição de tornar-se uma ‘outra’ pessoa, através do processo de (auto)negação. Esse fenômeno é chamado de bovarismo.

to, fazendo escolhas e, nesse sentido, a psicanálise existencial é o método destinado à investigação das escolhas subjetivas nas quais “[...] cada pessoa se faz pessoa, ou seja, faz-se anunciar a si mesma aquilo que ela é”. (SARTRE, 1997, p. 702).

Portanto, a finalidade é a análise do projeto de homem escolhido por R. Bovary. Talvez fosse mais fácil acreditar que ele, espontaneamente, tivesse nascido covarde ou herói – para ficar nos termos de Sartre (2014), afinal, nada poderia ser feito, tudo estaria dado, irremediavelmente posto: tendo nascido covarde ou herói o seria a vida inteira. No entanto, na perspectiva de Sartre (2014, p. 33), “[...] o covarde se faz covarde, e o herói se faz herói. Existe sempre uma possibilidade para [...] deixar de ser [...]”. Nesse viés, o homem é definido pela ação – “fazer-se” em projetos –, pois, não tendo uma essência ou natureza, constrói a partir de cada ato “de si” (no mundo) um modo específico de ser; com efeito, o que fazem de nós não é o mais importante, decerto é o que fazemos daquilo que fizeram de nós (SARTRE, 2002b). Desse modo, a análise do projeto “de si” ajuda na significação implicada em cada ato e na forma como as escolhas se desdobram, objetivando a compreensão mais profunda de um projeto singular e situado nas condições históricas.

Assim, neste breve artigo, retomou-se os principais achados acerca da análise da história de vida de R. Bovary, a saber: i) a família confrontada no seu papel imprescindível na construção das identidades; ii) a vinculação do ser-negro enquanto desvantagem; iii) o conflito interno entre a masculinidade e a feminilidade; iv) a conflagração interna acerca do corpo sexualizado e violado; v) a imposição do modelo de masculinidade; vi) o complexo agrupamento de vozes diagnosticado como esquizofrenia; vii) a elaboração de uma narrativa que se afirma e se nega (a “si mesmo”) incessantemente; viii) a movência da relação

eu-outro, consigo e com o mundo circundante; ix) a docência enquanto palco intrapsicológico no qual as vozes conflitantes dialogam entre as partes do “eu”; e, por fim, x) a não aceitação do ser-gay e os perigos de se viver em estado constante de negação, fuga, medo e culpa.

À vista disso, o presente texto trata de uma suposta conversação entre homens negrogays, sobreviventes de uma sociedade marcada por todo tipo de aleijamentos às alteridades, resultado do longo tempo em que o primeiro autor, acompanhado pela segunda autora, esteve debruçado sobre a tese a partir da história de vida de R. Bovary. Nesses termos, a escrita epistolar será em primeira pessoa, “vocalizada” pelo remetente (Antonio José – também negrogay) ao destinatário (R. Bovary), através de um diálogo, segredando-nos uma confiança privada, publicada em “alto e bom som” por quem não mais se conforma em viver no abafado espaço do famigerado “armário”.

A epístola (em primeira pessoa)

Rubião Bovary,

Eu quero, agora, “falar” para-você, visto que eu “falei” muito de-você. Ainda assim, sinto que poderia ter escrito muito mais acerca do que você me contou nas entrevistas, em situação do projeto de pesquisa. Sobre isso não tenho muito o que fazer, porque quanto mais eu pudesse escrever, permaneceria sentindo a falta e a necessidade de ter dito mais, registrado mais. Contudo, eu estou realmente satisfeito pelo tempo que estive “lançado” naquilo que Luigi Pirandello (2019) chamou de “abismos de reflexões” – pois, a cada palavra sua, eu “investigava” você e, conseqüentemente, passei a me “garimpar” por dentro. Foi como ter a consciência “de mim” (naquela faceta que não era suficientemente conhecida “por mim”) através do “outro” que era você. A solidão de conceber uma tese, muitas vezes, deixou-me “sem mim”.

Quero dizer, que a suspensão em leituras e intertextualidades prolongadas deixavam-me, eventualmente, sem a companhia daquele “eu” que eu já conhecia, porque “ele” – o “eu-conhecido” – lia, estudava, escrevia sobre o “outro”; ocupava-se do “outro” (você).

Eu o via vivendo de um modo que você não podia se ver (ou seja, na espontaneidade dos seus atos). Com os olhos que não eram os seus – olhos de quem vê de fora –, eu perseguia-o como um narrador-observador. Seguia os seus *estranhos*, aqueles... dos quais tanto fugia. Nessas eventuais situações, eu não pensava sobre o que eu conhecia, mas sobre o *estranho* que era você. Fiquei muito tempo na sua presença – um *estranho* para mim – que acabei exposto ao *estranho* que também sou eu e, por isso, inseparável “de mim” – eu não sou um-só, tanto quanto você não é um-só, mas uma multidão de “eus”. Dito isso, espero que você, R. Bovary, ao ler este estudo queira mais do que se reconhecer... queria se conhecer fora “de si”, vivendo (por exemplo) nestas páginas e, quiçá, antropofagicamente queria ficar unido aos seus ‘eus’ – para além da reunião de todos em um mesmo nome: R. Bovary. Que possa incorporá-los, integrá-los sem submetê-los à angústia e ao sofrimento de não terem caráter; digo, de não terem suas próprias características (PIRANDELLO, 2019).

Por esse motivo, queria que você soubesse o quanto estou impactado por sua história de vida. Estou revolvido pelas lembranças da minha própria história de vida. Afetado pela certeza das profusas imbricações que estarão fazendo quem dela tomar conhecimento. Você é você, mas é, de modo igual, a intersecção entre a História e a vida mediada pela cultura, a classe, a raça e a sexualidade. Você é um tanto de gente por aí que, pelo silêncio, selou acordo com o NÃO “de si” e guardou a “fé” de se-encontrar-mais-adiante (quem sabe?). E enquanto tudo está “fadado” a (por ora) não

acontecer, serve-se da “má-fé” e sua intenção dolosa em negar a liberdade, preferindo o fatalismo de ser um objeto, uma coisa, uma terra infértil e improdutiva na qual o melhor a ser feito é abandonar os trabalhos para seguir o fluxo do cotidiano; “bebendo” dos dias pouco a pouco – cada gole por vez, sem ter projeto, sem investir tantos pensamentos, esperando por terras aráveis... a terra-prometida-dada. Eu sei. Você esteve (está) cansado. Eu também estaria no seu lugar.

Ocupei-me de sua história de vida em uma bisbilhotice concedida, afinal eu soube (apenas) o que quis me contar. Você se encarregou de ser meu “cicerone” em visita aos “monumentos” históricos que constituem a sua vida e, nessa perspectiva, fui direcionado para a compreensão dos pequenos detalhes “de você” – aos seus momentos efêmeros: seus gestos, movimentos, reações, escolhas... surgidos no decorrer da narração “de si” que, ao serem exteriorizados, tornaram-se o ponto de partida para o processo objetivo – o da interiorização da exterioridade “de você” – e, esse acontecimento permitiu-me o movimento entre a análise e a síntese (SARTRE, 2002a). Trocando em miúdos, você me conduziu para o cumprimento dos objetivos que nortearam o meu projeto de pesquisa e, por consequência, a tese. Assim, eu pude compreender como você chegou a se tornar quem se tornou, situado em contextos-históricos-e-sociais específicos – quer dizer: no plano do vivido você me ajudou a elucidar, concomitantemente, a sua situação *sui generis* e a circunstância de sua vida situada, sendo, de acordo com Maheirie (1994, p. 13) “[...] o testemunho e a expressão de uma sociedade que produz e é produzida [também] na alienação denunciando as dificuldades de um homem tornar-se sujeito desta história.”

Dessa imersão “em você”, entre outras coisas, eu tirei a noção de *homem* que se constrói

nas-e-pelas-experiências. Tal noção passou a ter um efeito de transversalidade sobre a forma como eu concatenava os fatos narrados por você; descobrindo que o que eu estudava, ou seja, suas histórias-experiências-escolhas-de-vida, ressoavam em mim. Dito de outro modo, estudar o homem-em-construção que *é* você foi estudar – dadas as devidas proporções – o homem-em-construção que *sou* eu. Insisto: você é você, mas é, de modo igual, *nós*. Você é particularidade (“de *si*”), mas é, também, síntese da realidade humana (“de *nós*”). Você é, em conformidade com Paulo Freire (1996, p. 41), “[...] ser social e histórico como [*um*] ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. [...] A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros.”

Você, neste trabalho, foi o fio condutor do *nós*-homens-negrogays. O *nós* “isolado” nas singularidades das suas histórias-experiências-escolhas-de-vida. Ao estudá-lo, não guardava a pretensão de assimilar uma realidade-humana-totalizante – como pretendem determinadas leis –, mas o privilégio de estudar a realidade humana que é *nós mesmos* – realidade humana que *é* você, eu e nós. À vista disso, disse Sartre (2009, p. 22, grifo do autor) que, para a realidade humana existir, é preciso “assumir” seu ser e “[...] ser responsável por ele em vez de recebê-lo de fora como faz uma pedra [...]”; isso significa que eu estudei o existente que *é* você, nas escolhas que o levaram a *ser-você-próprio-em-seu-ser*. Estudei a sua condição material e humana de ter que fazer algo “de *si*”, com o que os outros fizeram “de *você*”, portanto a superação de uma situação, através daquilo que você conseguiu fazer do que foi feito “de *você*” (MAHEIRIE, 1994; SARTRE, 2002b).

Estudei, ainda, a assunção “de *si*” que me possibilitou contemplar a sua relação com o seu-ser-próprio ↔ ele-próprio-em-seu-ser

encontrando-se, perdendo-se a partir de sua maneira de existir. Você se fez homem compreendendo (ainda que relativamente) sua realidade de homem; aparecendo-se “a *si*” mesmo – existindo para a consciência “de *si*”. Foi exatamente a sua aparição-existência que eu procurei descrever, interrogando-a em cada atitude humana do seu ser-existente. Você, por exemplo, presente na emoção (SARTRE, 2009).

Verdade seja dita, você denunciou “a *si*” próprio pelas emoções de admiração, encantamento, inveja e adoração à branquitude. Na ansiedade, temor, estranheza e confusão quanto à negritude herdada. Na apreciação estética e simpatia aos artefatos femininos. No nojo, dor, excitação, medo, horror, interesse, satisfação e tristeza desembocados no desejo homossexual. Suas emoções articuladas na dialética do inferno-e-paraíso = o purgatório: seu lugar -emocional de expiação-sacrifício-sofrimento na esperança da triunfante salvação-dada. Com efeito, a sua profissão-docente-escolhida é uma oportunidade de “escapar” à dialética -piedosa-cristã, assumindo-se na radicalidade “de *si*”, afinal ensinar exige o reconhecimento e a assunção das suas identidades que têm a ver com a relação entre homem e sociedade (SAWAIA, 1994). Em outros termos: ser professor demanda assumir-se “[...] enquanto sujeito da própria assunção [propiciando] as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor [...] ensaiam a experiência profunda de assumir-se.” (FREIRE, 1996, p. 41).

Diante disso, estive à cata dos significados das suas emoções. A significação que, segundo Sartre (2009), é intrínseca ao fato-humano, afinal, lembrou-me da professora Kátia Maheirie (2002, p. 38), “[...] as emoções estão no horizonte de uma racionalidade histórica e socialmente construída [...] devem ser analisadas no contexto psicossocial de cada um [...] da história do sujeito [significações] mediatizadas por

um determinado contexto [...]”. Eu estive buscando o significado das suas significações e, por consequência, visitei a casa da sua infância. Participei (mais ou menos) da sua rotina familiar. Estive no seu *quarto* (subjetivo e objetivo). Escutei suas audiências ruidosas. Acompanhei suas idas à escola. Assisti a seus embates entre a branquitude e a negritude, entre o masculino e o feminino. Movimentei-me na sua relação eu-outro. Testemunhei o estupro, a crise, as tentativas de suicídio. Participei da sua sala de aula. Estive com você em-situação e, posso dizer: suas emoções não são desordens psicofisiológicas; elas não estão à parte da sua realidade-humana, pois são manifestações da sua existência humana no mundo (o mundo não está entre parênteses, percebe?!). É importante que essa realidade seja assumida enquanto tal: você é um ser-no-mundo.

Talvez não concorde com os sentidos que eu dei ao ser-do-seu-existente e prefira o diagnóstico de “esquizofrênico”. A meu ver, a esquizofrenia é cômoda, é má-fé porque subtrai sua responsabilidade e, de modo igual, omite a responsabilidade de todos aqueles que lhe fizeram viver-em-perigo. Tal diagnóstico torna o corpo sem emoção, pois não pode apreender o sentido das emoções, bastando a indicação do distúrbio fisiológico. Estive atento à sua capacidade de se emocionar vinculado ao todo da realidade-humana acontecendo na forma de emoção. O seu gozo e tristeza têm sentidos para além das funções e “mecânicas” físicas... você demonstrou isso quando me narrou o regozijo e o desalento aparecendo na sua realidade-humana. Você foi ao “fato”, mas foi, sobretudo, à significação. A sua história de vida não é uma coleção de fatos encadeados, mas as vicissitudes impregnadas de significações (MAHEIRIE, 1994, 2002; SARTRE, 2009).

“O que lhe falta para ser real?” – perguntou Sartre (2009, p. 29). Falta-lhe alguma coisa... tentarei demonstrá-la a partir da minha

experiência em ler James Baldwin e do quanto ele me fez ir às coisas mesmas de você (o não *-eu*, o *tu*); fazendo(-me) enxergar o meu-*eu* na assunção de *nós* (FREIRE, 1996). Assim, espero apresentar a significação existente na emoção de acompanhar-te neste estudo psicossocial. Por essa razão, foi inevitável, na leitura de Baldwin, não te trazer em meus pensamentos. Foi como viajar na sua companhia e, francamente, você esteve comigo por todo este tempo. Tempo estranho e pandêmico. Tempo de (des)governo deliberadamente despótico, distópico e insalubre no qual é ainda mais perigoso ser-pessoa-interseccionada: ser-negrogay. Foi pensando sobre o que me contou que eu passei pelas páginas do livro de Baldwin. Leitura rápida quanto intensa. Leitura silenciosa e rumorosa. Solitária e, ao mesmo tempo, conduzida. Você esteve presente na história que não é sobre você, nem sobre mim. É, sem dúvida, sobre *nós*: homens negrogays, tidos como ilegítimos e, por isso, destratados pelo Brasil de passado tão atual, o passado que insiste em ser hoje. *Nós-negrogays* “adoecidos” – uns mais, outros menos – pela discriminação virulenta e, sabe-se, histórica.

Como eu disse, acabei de ler Baldwin e você pareceu ter sido tirado do coletivo dos personagens criados por ele. Você se confunde, por exemplo, com o John Grimes – personagem do livro semiautobiográfico, *Se o disseres na montanha* (2020), primeira publicação de Baldwin em 1953. Grimes é um jovem negro “lançado” no mundo que é o Harlem nova-iorquino da década de 1930; filho de um padrasto religioso, agressivo e fanático e de uma mãe resignada frente aos grandes sofrimentos existenciais. O jovem encontrava na Igreja Pentecostal o lugar das forças contraditórias: de um lado, a hipocrisia rígida e moral; do outro, o refúgio de sentido comunitário. Através de John Grimes, Baldwin retratou o seu pertencimento àquela família pobre e religiosa e seus atravessamen-

tos por questões de classe e raça. Pela voz de Grimes, Baldwin ecoou sua busca por autode-terminação, demonstrando que sua história pessoal é parte de uma História maior marcada por todo tipo de segregação (BALDWIN, 2020; FERREIRA, 2017).

Você consegue identificar qualquer semelhança entre o adolescente Grimes com a sua-criança? Ele (Grimes) se debatia a fim de afrouxar os nós que o atavam à comunidade marginalizada. Você desenhava no imaginário o projeto de querer ser-branco-e-mulher, “ofendendo” a masculinidade dos homens da sua casa – embora, “ofender” não fizesse parte dos seus planos. Você queria ser parte do todo familiar, mas se sentia a exceção. Os dois vivem a angústia da encruzilhada e o “peso” da liberdade, ressaltando a responsabilidade, diante do imperativo das circunstâncias, de se fazer escolhendo uma ética “de si” (SARTRE, 2014). Grimes queria escapar da influência vinda dos condicionantes que a família e a comunidade lhe implicavam, quer dizer: a de metamorfosear-se no homem que “era” o seu padrasto (BALDWIN, 2020). Você queria ser pessoa-de-padrão-social-elevado e, se a “brancura” era inatingível que fosse, na pior das hipóteses, o mestiço-moreno-claro-de-preponderância-hereditária-branca; afastando-se da cor-puxada-para-o-pai-negro. Por defesa, você era hesitante quanto à aproximação com a negritude-paternal, afinal, já “carregava” uma outra “maldição”: a de Caim ↔ a “marca” da homossexualidade.

Você, tal o Macunaíma, desejara inundar-se em águas “milagrosas”, transfigurando-se em branco, loiro (em mulher-galega na intimidade da sua subjetividade); deixando nas sobras do banho as “sujidades” da negrura compulsória e os demais traços recebidos por ser filho de uma família inter-racial (mãe “lida” branca – pai “lido” negro). Você fora submetido ao revés de nascer “de cor”, isto é, parafraseando

Mário de Andrade (2016), apesar de ter se “lavado” em águas da mestiçagem, só conseguira ficar da “cor do bronze novo”. Mas guardara em “territórios” subjetivos o desejo de tornar-se, às vezes, como desejava e se sentia: branco (galega-mulher), pois o corpo-recebido, não lhe agradara, nutrindo por ele (o corpo-mestiço-negro-masculino) profunda e confusa antipatia, posto que “[...] era assim, haviam-no feito assim, daquele jeito. Não dependia [de você] ser de outra forma, ter outra estatura, podia alterar em parte [na subjetividade] o seu aspecto [...] todo aquele corpo [para você] era nada [...]”. (PIRANDELLO, 2019, p. 26, 27).

Sua frustração, por muito tempo, esteve no fato de que, diferente de Macunaíma, não conseguira a “bênção” de ter um “outro” corpo. E mesmo se forjando, em pensamentos, nas formas que lhe apeteciam, permaneceria sendo visto nos mesmos cabelos crespos e escuros, naquele nariz e em todo o seu corpo “de cor” (o-ser-negro). Permaneceria sendo visto na imagem *estranha* (no-gay) de quem você, inclusive, mantém insistente distância e mal-sucedido controle pela “fé” de que, sem “aparição” – longe da objetividade, ele não se tornaria você-e-você-ele. No entanto, você sabe que ele (o-ser-gay) está à vista dos “outros”, apesar das suas “indiferenças”. Você o sente vivo, pulsante, respirando, pensando, movendo-se. Você o quer morto. Mas também o quer vivo. Você existe e ele (o-ser-gay) existe. Existem indivisíveis: um homem só; muitos na vida.

Voltando ao paralelo entre Grimes e você, sumariamente, os dois estiveram em desordem, assustados pelos efeitos da discriminação e pela ameaça da vergonha perante a escolha-herdada; mantendo-os “sitiados” dentro e fora de suas próprias subjetividades. Muitas coisas lhes aconteceram pelo “outro”: a existência, o corpo, as marcas de família, o nome. Muitas coisas lhes foram feitas pelo “outro”: a violência, a subjugação, a negação, a difama-

ção, o preconceito. Os dois (Grimes e você) estavam provocados a apregoar no sermão-da-montanha-pessoal as palavras de boas-novas, anunciando a (má)fé em uma vida diferente das que tinham. Vocês queriam, apenas, não sentir medo. Escolher sem sobressaltos, sem prenúncios de um desastre (BALDWIN, 2020; FERREIRA, 2017; PIRANDELLO, 2019).

Na verdade, o livro que eu acabei de ler em sua “presença” foi outro. Nele, o personagem principal, o David, também tem traços identificados em você. Baldwin teve os mesmos traços. Traços que eu encontro em mim. Baldwin, tendo escrito no longínquo ontem, oportunizou um encontro de dilemas, dores e resistências coletivas, experimentadas por indivíduos na fugacidade do hoje; impressiona-me a capacidade que Baldwin demonstra em desbravar campos existenciais, escancarando-os e expandindo-os apesar do tempo. Baldwin é o criador desse encontro impossível de ser... senão pelo poder atemporal da história escrita. Ao tempo que é, Baldwin, parte desse encontro. O anfitrião reunindo David, você, eu, Giovanni (um outro importante personagem) e o quarto – *O quarto de Giovanni* (2018) – que, para mim, é o personagem maior do livro, recebendo esse nome não por acaso, pois no *quarto* vive-se o exílio da homossexualidade comum a todos nós; homens desta história. Quero te contar... de algum modo, sua própria história passada no *quarto* interior: “espaço” nevrálgico das relações acontecidas ou recordadas.

David não é negro no romance. Giovanni também não é. No entanto, eu li o livro imaginando-os como homens-negrogays talvez por serem dois estrangeiros residentes em terras que lhes são estranhas por não serem suas. Estavam longe de casa e habitar um corpo que exige vigilância, dadas as violências e os entrincheiramentos, equivale a assentar morada em uma cidade sitiada. Então, imaginei

-os negros já que James Baldwin, a exemplo da sua primeira obra focada em memórias pessoais (ditas através de John Grimes), encharca a ficção com questões de classe e raça implicadas com sua história de vida. O mesmo acontece em *O quarto de Giovanni*, publicado pela primeira vez em 1956, mas, agora, abordando sua homossexualidade; repartindo-a nos ditos e não ditos do americano David, do italiano Giovanni e da crise existencial de ambos eclodida naquele *quarto* francês. Sem dúvida, Baldwin, um escritor negrogay, deixou vestígios “de si” enquanto negrogay no que escreveu; embora os seus personagens não fossem nem uma coisa, nem outra ou que fossem um e não o outro... não importa. Pois, olhando bem, Baldwin está em tudo o que escreveu e, inclusive, na omissão. É impossível a exclusão de qualquer parte “de si” em virtude da força da intersecção entre a masculinidade, a raça, a homossexualidade, a classe, a religiosidade, a política e as memórias (FERREIRA, 2017; MENEZES, 2018).

Você sabia que na infância, aos 10 anos de idade, Baldwin também foi assediado e, com frequência, era ridicularizado por suas características físicas? Ele fora questionado na masculinidade que deveria executar (FERREIRA, 2017). Talvez, por isso, ele dê destaque ao que o pai de David disse no alto daquela escada: “[...] a única coisa que eu quero é que o David seja um homem quando crescer.” (BALDWIN, 2018, p. 41). O personagem-pai-homem notifica a deliberação do “alto da sua masculinidade” como se pretendesse ser escutado em longa distância, fazendo-se cumpri-la custasse-o-que-custasse. O que o pai quer é que o filho seja um-homem de virilidade imaculada e encontre uma garota, case com ela e tenha filhos com ela... engane-a, se for preciso!

Quando David ouviu o seu pai vaticinar seu futuro enquanto um homem-viril-predador e não um “[...] professor de religião.” (BALDWIN,

2018, p. 41); David ficou exatamente como você, R. Bovary, sentindo-se apontado por um tipo de estigma aterrador. Ele teve medo. Você teve medo e vergonha quando se percebeu gostando dos assédios dos “outros” meninos; quando lhe mostravam o órgão-genital-alterado, fazendo-o tirar a roupa, enquanto tentavam penetrar-te em desajeitadas fricções. Você sentiu medo, acima de tudo, um medo absurdo quando o homem adulto o estuprou, fazendo -o “preso” no que pensou ser a sua *falta original* [o estupro].

Diferente de você, David não foi violentado por “outros” meninos ou adultos covardes e criminosos. Contudo, a primeira vez que ele notou a presença do cobiçoso desejo mirando o corpo e conhecendo o cheiro de um outro homem, ele sentiu, igualmente, um temor que o violentou. Disse David: “[...] aquele corpo me pareceu a entrada negra de uma caverna dentro da qual eu seria torturado até enlouquecer, onde perderia minha virilidade. [...] Senti vergonha. [...] como uma coisa daquela podia ter acontecido comigo [...] *em mim*.” (BALDWIN, 2018, p. 33-34, grifos do autor). Nessa hora, ele tomou uma decisão. A decisão tomada parece muito com a sua decisão: a fuga – a má-fé.

Vocês dois fugiram o tempo todo, entregando-se à escuridão jamais vista. David fugiu tanto e sozinho que acabou se tornando uma pessoa solitária. A *crise original* que deu início ao projeto de fuga de David foi ter feito amor com outro homem, o Joey. A *crise original* que desencadeou o seu (R. Bovary) projeto de fuga – ocasionando, inclusive, a ojeriza à negritude herdada pela tez escura paternal – foi o estupro cometido pela degradação daquele homem-adulto-de- (“bem”)-e-de-família. Esses foram, parafraseando Baldwin (2018), os momentos fulcrais responsáveis por mudar – num efeito cascata e de escolhas – todos os outros. Desse modo, David e você se esforçaram no atravessamento existencial – não sem

sofrimento – e labiríntico de sinais trocados e fechados abruptamente.

Como eu disse, tudo isso pactuado com o silêncio de NÃO poder falar sobre o que lhes aconteceram. Negando admitir para-si-mesmos o momento-absurdo; jogando-o para o fundo “de si” como se fosse um momento-(-cadáver)-em-decomposição. Você foi vivendo uma vida asfixiante. Dividindo a atmosfera “pútrida” com uma multidão de seus-eus falantes, intempestivos e conflitantes. Pessoas amontoadas no seu “cubículo”, o seu “quarto”, o seu “subsolo” – o seu “fundo-falso” no qual “dormia” o sono da morte aquele cadáver indesejável que, de modo repulsivo, voltava (de quando em vez) para lhe intimidar: o ser-gay (BALDWIN, 2018).

No centro desse “tumulto”, esteve você. Você, ainda, permanece aturdido e paralisado no centro tumultuoso “de si”. Vacilante em olhar-nos-olhos “de si” próprio, esgueirando-se do que evoca medo e vergonha. David também decidira por ficar atônito e imóvel na confusão que acontecia dentro dele. A dormência de ambos é fugidia, é, em última análise, movimento e evasão do que não se pode escapar; ainda que se pretenda pegar “um navio rumo à França”... o que foi feito por David: “Hoje, creio que, se na época eu fizesse ideia de que o EU que ia terminar encontrando acabaria sendo o mesmo do qual havia passado tanto tempo fugindo, teria ficando na minha terra”, confessou-nos David (BALDWIN, 2018, p. 47, grifo nosso). Eu desejo que você escute tal confissão e considere aprender no aprendizado dele e, assim, deixe de fugir, aceitando sua “terra”, plantando boas-sementes, dando frutos, exalando perfumes. Gosto de pensar em você assim: uma “terra exuberante”, um “jardim”, um “Éden” melhor e ainda mais bonito do qual você fora expulso.

A propósito, eu não saberia dimensionar o peso das suas lembranças de infância, re-

firo-me especificamente àquela má-hora [o estupro], a “poça estagnada” na qual estão colocadas e mergulhadas e presas suas raízes eivadas por um tipo de desprezo implacável, incomplacente... um desprezo de morte, posto que se tratava de um desprezo sentido “por si” e destinado “a si” mesmo; levando-o às raias da loucura: o suicídio, a tentativa de autoextermínio pela fuga da vida. O seu desprezo é visto em Giovanni, personagem de Baldwin por quem mais me solidarizo, porque ele vivia um estado de terror tão desmedido como uma erosão lenta, mas devastadora, impelindo-o à fuga; dissera Giovanni ao David: “*Je veux m’évader* [Eu quero fugir – tradução livre] – deste mundo sujo, deste corpo sujo.” (BALDWIN, 2018, p. 50). Giovanni queria a-morte-para-viver-em-paz, pois, em vida, não seria possível achar-se no “jardim do Éden”. E, como prognosticou Baldwin (2018), o mundo é dividido entre os que lembram e os que esquecem; Giovanni fazia parte dos que lembravam e, por isso, esteve submetido à dor, correndo “[...] o risco de enlouquecer de dor, a dor da morte [...]” (BALDWIN, 2018, p. 52). Lembrar é ver o passado no presente de modo que, se há dor no pretérito, haverá dor sentida “este dia”. Ainda assim, espero que você consiga ver com desejo de vida “este dia e os vindouros”; vencendo os apelos altivos do abandono “de si”, sendo “empurrado” por necessidade de vida em abundância.

R. Bovary, você não construiu o projeto de vida o qual pretendeu, tanto que me contou na entrevista: “Não tem um dia que eu não acorde com o sonho de liberdade, com o desejo de ser livre: ‘sou homossexual, quero ser livre’. Não quero dormir e acordar com o desejo de tirar minha vida.” (grifo nosso). Essas palavras deixam evidente que as implicações não foram as esperadas, tanto que você ainda sofre com os efeitos dos “outros” em suas escolhas. Por outro lado, tais palavras constataam que você

é o autor de sua história; a sua insistência por vida e humanidade é testemunha dessa comprovação (SAWAIA, 1994). O que você continuará fazendo daquilo que fizeram de você? Não vejo outra alternativa senão a assunção gloriosa “de si” (eis, uma cláusula pétrea), isto é: sair da “repartição” (o *quarto*) para a “arena” – do *quarto* para a rua, o campo, a vastidão. A liberdade da vida para quem está “preso” dentro do seu próprio corpo. Lembre-se: você é capaz de ter raiva, porque é capaz de amar (FREIRE, 1996). Você deviria amar a quem vive “preso” em você. Amá-lo e se deixar amar, ainda que vozes – vindas dos seus “abismos” – vociferem: vergonha, vergonha, vergonha! Pense sobre o que fazer da sua vida sem paralisar de medo. Você já teve medo demais, por tempo demais, por essa razão, tenho “[...] a sensação de que [você passou] toda uma existência naquele *quarto*. Ali a vida parecia transcorrer debaixo d’água [...]” (BALDWIN, 2018, p. 118, grifo nosso). Então, abra a “janela” desse *quarto*. Deixe-o ser invadido por novos ares.

R. Bovary, ainda sobre o livro de Baldwin (2018), David amava Giovanni que amava David que estava arraigado na própria covardia de não conseguir assumir-se para além das paredes encorpadas do *quarto* de Giovanni. Devo dizer que o *quarto* era, na percepção de David, “[...] a vida de Giovanni, regurgitada.” (BALDWIN, 2018, p. 120). E David soubera que Giovanni o havia levado para o seu *quarto* na esperança de que o destruísse e o proporcionasse uma vida nova e, definitivamente, melhor. No entanto, o *quarto* era a terrível confusão de David que o sentia comprimir-se sobre sua cabeça. Você sabe que estar “preso” é como estar “morto”. Falando nisso, Giovanni terminou sua vida preso em um cubículo de morte: o cárcere de janelas gradeadas e de corredores que levavam para o nada. Encerrado naquelas paredes frias, Giovanni foi condenado à morte por guilhotina. David escolheu se enganar noivan-

do com Hella – a personagem feminina mais importante do livro; “arrastada” para um outro *quarto* das mesmas confusões, afinal, afirmou Baldwin (2018, p. 154, grifos nossos): “O mundo está cheio de *quartos* – *quartos* grandes, pequenos, redondos, quadrados, *quartos* bem altos e bem baixos –, tem *quarto* de tudo que é tipo! Em que tipo de *quarto* você acha que deveria morar?”.

Note que estou tentando lhe mostrar (R. Bovary) que o seu *quarto*-das-vozes-vociferantes não é uma condição irremediável, a exemplo do que foi para os personagens David e Giovanni. Eu proponho que você se mexa, corra “[...] para abrir os portões de sua cidade murada, pra que [encontre] o rei da glória [a assunção ‘de si’].” (BALDWIN, 2018, p. 161). Faça algo “sobre (para) si”. Encontre o “interruptor” de luz. Acenda-a. Deixe a luz explodir. Encontre uma saída desse *quarto*. Resgate cada um dos seus “eus” (puxe-os se for preciso). Junte-os lá fora. Conclame-os para um círculo grande. Deem as mãos uns aos outros. Cantem uma canção bonita. Dancem. Celebrem o céu que irrompe da noite longa, esmaecendo-se no horizonte fulgurante. Contemplem a Lua insone e o Sol a elevar-se. E, nesse cenário, eu desejo que você veja o esplendor da noite transitória e enfeitada de uma lua-candeante. Desejo que você sorria com a descoberta deles: o Sol, mas, principalmente, a Lua – que estivera a clarear as suas “brumas”. Eu desejo que você – síntese dos seus ‘eus’ – não tenha mais determinados impedimentos. Desejo que a sociedade seja menos feia e menos triste. Eu desejo (com todas as minhas forças) que este início de dia seja possível tanto para você, quanto para mim, para nós – visto que a assunção “de nós” depende “da sua” assunção (...entende?!).

Com genuíno afeto!
Antonio José de Souza
(Bahia-Brasil, 2022)

Para concluir...

Pode-se ver o ser-negro negado como parte de uma realidade imaginária criada a partir do desejo de ser um “outro” próximo do “ser branco” em autodefesa diante da situação marcada pela estigmatização pública do seu ser-gay. R. Bovary, enquanto violentado pelo olhar do “outro”, fora transformado em objeto, deixando-o com medo e vergonha de assumir-se negrogay. Ele foi – e ainda é – alcançado por uma estrutura discriminatória que o situa na elaboração das significações singularizadas a partir das coisas do mundo, objetivando-se em ações e significações próprias do homem historicizado no processo de racialização das relações sociais que, quando imbricado com a homofobia, ecoam na contemporaneidade o passado violento de um Brasil ávido por construir a ideia do “[...] ‘homem de verdade’ [que] deveria não apenas se relacionar com mulheres, mas [...] estar no topo de uma hierarquia de poder [...] a masculinidade e a branquitude confluíam na imagem do senhor.” (MISKOLCI, 2012, p. 83, grifos do autor). Verifica-se, ainda, a docência como o lugar das realizações, mediações e da possibilidade de “assumir-se” na totalidade; uma radicalidade que falta a R. Bovary que está atado à “cor da pele” tanto quanto à “sexualidade” e a sua vivência depende da sobrevivência de todos os seus “eus”.

Referências

- ANDRADE, Mário de. **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter**. Barueri, SP: Ciranda Cultural, 2016.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- ASSIS, Machado de. **Quincas Borba**. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1994. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/itemlist/category/23-romance>. Acesso em: 15 jul. 2020.

- BALDWIN, James. **O quarto de Giovanni**. Tradução de Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- BALDWIN, James. **Se o disseres na montanha**. Tradução de Isabel Lucas. Lisboa: Alfaguara, 2020.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FERREIRA, Helder. James Baldwin, o grande crítico do sonho americano. **Revista Cult**, São Paulo, 06 abr. 2017. Seção Literatura. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/james-baldwin-o-grande-critico-do-sonho-americano/>. Acesso em: 16 ago. 2022.
- FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**: costumes de província. Tradução de Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: Nova Alexandria, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- MAHEIRIE, Kátia. **Agenor no mundo**: um estudo psicossocial da identidade. Florianópolis: Editora Letras Contemporâneas, 1994.
- MAHEIRIE, Katia. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. **Interações**, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 31-44, 2002. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/inter/v7n13/v7n13a03.pdf>. Acesso em: 2 maio 2021.
- MAY, Tim. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. Tradução de Carlos Alberto Silveira Netto Soares. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- MENEZES, Hélio. James Baldwin e os desafios da (des)classificação. In: BALDWIN, James. **O quarto de Giovanni**. Tradução de Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 211-221.
- MISKOLCI, Richard. **O desejo da nação**: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX. São Paulo: Annablume, 2012.
- PASSEGGI, Maria da Conceição. Memorial de Formação. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade; DUARTE, Adriana Maria Cancela; VIEIRA, Livia Maria Fraga. **Dicionário**: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM.
- PIRANDELLO, Luigi. **Um, nenhum e cem mil**. Tradução de Francisco Degani. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2019.
- SARTRE, Jean-Paul. **Crítica da razão dialética** (precedido por Questão de método). Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2002a.
- SARTRE, Jean-Paul. **Esboço para uma teoria das emoções**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- SARTRE, Jean-Paul. **Saint Genet**: ator e mártir. Tradução de Lucy Magalhães. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002b.
- SAWAIA, Bader Buriham. Identidade é figura central do final do século XX. In: MAHEIRIE, Kátia. **Agenor no mundo**: um estudo psicossocial da identidade. Florianópolis: Editora Letras Contemporâneas, 1994. p. 9-10.
- SOUZA, Antonio José de. **Tornar-se negrogay**: a história de vida de um homem-professor situado e "sitiado". – Salvador, 2022. 183 f. Tese (Doutorado) - Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea. Linha de Pesquisa: Contextos Familiares e Subjetividade.

Recebido em: 07/10/2022

Revisado em: 27/03/2023

Aprovado em: 23/04/2023

Publicado em: 03/05/2023

Antonio José de Souza é doutor em Família na Sociedade Contemporânea pela Universidade Católica do Salvador (UCSal) – com período sanduíche na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS/Paris). Mestre em Educação e Diversidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professor da Educação Básica do município de Itiúba (BA). Integrante do Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial (LaPPRuDes/IFBaiano), da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) (ABPN). *E-mail:* tonnysouza@gmail.com

Elaine Pedreira Rabinovich é doutora em Psicologia Social. Pós-doutorado em Psicologia Ambiental e Psicologia e História pela Universidade de São Paulo (USP). Docente adjunta da Universidade Católica do Salvador (UCSal). Coordenadora do grupo de estudos Família, (Auto)Biografia e Poética (Fabep) da UCSal. *E-mail:* elaine.rabinovich@pro.ucs.br